

Mariana de portas e janelas – os caminhos de individuação de uma jovem estudante



Ana Karina Brenner

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Paulo Carrano

Universidade Federal Fluminense.

Viviane Netto Medeiros

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Fecha de recepción: 19 de agosto de 2022

Fecha de aceptación: 7 de octubre de 2022.

Resumo

O artigo descreve e interpreta o percurso biográfico de uma jovem de origem popular que sintetiza diferentes desafios existenciais e esforços de superação que articulam suportes em múltiplos espaços-tempo da vida. A jovem Mariana narra para a pesquisa que deu origem a este artigo seu percurso biográfico que busca superar a condição de subalternidade feminina diante da violência patriarcal e conquistar a mobilidade social que projetou para si e seu filho. Mariana é também muitas: estudante da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio, filha, mãe adolescente, companheira e trabalhadora de muitas experiências entre a informalidade e a conquista do trabalho protegido. Os dados analisados se originam de pesquisa que combina estratégias metodológicas quantitativas e qualitativas. No âmbito qualitativo, são apresentados dispositivos imagéticos de suporte à entrevista narrativa e realização de grupo de discussão com jovens do ensino médio. A perspectiva teórico-metodológica adotada buscou colocar em diálogo a compreensão do processo de conquista da autonomia da jovem sem perder de vista o quadro sócio-histórico de onde se desdobram as experiências, estratégias de organização da vida cotidiana e projetos de futuro da personagem que elegemos para a discussão.

Palavras-chave: juventude; educação; individuação; narrativas.

Mariana at doors and windows – a young student’s ways to individuation

Abstract

The article describes and interprets the biographical pathway of a young woman of popular origin who synthesizes different existential challenges and overcoming efforts that articulate supports in multiple spaces-time of life. This article derives from a narrative the young Mariana made to the research, recounting her biographical journey seeking to overcome the female’s subaltern condition in the face of patriarchal violence, and to conquer the social mobility that she projected for herself and her son. Mariana is also quite many: a High School student in Education of Youth and Adults, a daughter, a teenage mother, a companion and worker with quite many experiences ranging from informal jobs to the attainment of protected work. The analyzed data originate from research that matches quantitative and qualitative methodological strategies. In the qualitative scope, there was the presentation of supporting imagery devices to the narrative interview, in addition to the accomplishment of a discussion held with a group of high school students. The theoretical-methodological perspective adopted sought to start a dialogue about the understanding of the young woman’s process to conquer autonomy, without losing track of the socio-historical framework from which extend the experiences, daily life organization strategies and future projects of the character we have chosen for the discussion.

Keywords: youth; education; individuation; narratives.

Mariana de puertas y ventanas – los caminos de la identificación de una joven estudiante

Resumen

El artículo describe e interpreta el recorrido biográfico de una joven de origen popular que sintetiza distintos desafíos existentes y esfuerzos de superación que articulan soportes en múltiples espacios-tiempos en la vida. La joven Mariana narra a la investigación que dio origen a este artículo su recorrido biográfico que busca superar la condición de subalternidad femenina bajo la violencia patriarcal y conquistar la movilidad social que proyecta para ella misma y su hijo. Mariana también es muchas: estudiante de la Educación de Jóvenes y Adultos de secundaria, hija, madre adolescente, compañera y trabajadora de muchas experiencias entre la informalidad y la conquista del trabajo protegido. Los datos analizados provienen de investigaciones que combinan estrategias metodológicas cuantitativas y cualitativas. En el ámbito cualitativo, se presentan dispositivos de imágenes para apoyar la entrevista narrativa y la realización de un grupo de discusión con jóvenes de secundaria. La perspectiva teórico-metodológica adoptada buscó poner en diálogo la comprensión del proceso de conquista de la autonomía de la joven sin perder de vista el marco sociohistórico en el cual se desarrollan las experiencias, estrategias de organización de la vida cotidiana y proyectos futuros del personaje que elegimos para la discusión.

Palabras clave: juventud; educación; individuación; narrativas.

Introdução

O artigo trata do processo de individuação e projetos de futuro da jovem Mariana¹ em seu percurso biográfico marcado pela resolução de problemas cotidianos e superação de provas estruturais. A jovem participou de pesquisa que ouviu estudantes da Educação de Jovens e Adultos² de ensino médio na cidade do Rio de Janeiro.

A investigação que produziu dados para este artigo insere-se no campo dos estudos de juventude e busca compreender processos de individuação de jovens cujas vidas estão marcadas, em especial, por percursos escolares acidentados —abandonos e reprovações—. Buscou-se compreender percursos de vida juvenis e seus processos singulares de constituírem-se como indivíduos.

A pesquisa com jovens demanda imaginação sociológica (Mills, 2009) e criatividade no sentido de utilizar abordagens metodológicas que permitam reconhecer diversidades e desigualdades nas experiências múltiplas juvenis. Reconhecemos aqui os limites das investigações que tenham a narrativa oral como único recurso. Sujeitos inseridos em contextos de reiteradas entrevistas institucionais ou temas controversos ou ainda difíceis de expressar no processo de desenvolvimento juvenil podem ficar inadequadamente tratados com o uso exclusivo da oralidade na entrevista.

Neste sentido, buscamos combinar recursos de investigação para alcançar de modo consistente múltiplas representações e modos de interação entre jovens e suas agências socializadoras. Tal busca impulsionou a proposição de um desenho de pesquisa que combinou a realização de um survey, entrevistas narrativas e também dispositivos de interpretação e produção de fotografias para que esses pudessem representar a si e a seus cotidianos para fins de análise na pesquisa.

O survey foi aplicado em 14 escolas de ensino médio da rede pública estadual situadas na capital do Rio de Janeiro, no ano de 2015. Foram aplicados 593 questionários a jovens, numa amostra não probabilística, selecionada a partir de critérios pessoais a respeito dos elementos que são mais representativos na população.³

A partir das tabulações e análises do survey foram elencados alguns perfis recorrentes de estudantes e a partir destes foram selecionados —entre os jovens que ao final do questionário responderam positivamente ao convite a participar de uma nova etapa com entrevistas— 20 jovens para a segunda etapa, qualitativa, da pesquisa. As entrevistas foram realizadas nas escolas onde os jovens estudavam.

A terceira e também qualitativa etapa da pesquisa foi desenvolvida a partir da análise do material obtido com as entrevistas narrativas filmadas e consistiu em acompanhar três dos jovens entrevistados em seus cotidianos: trabalho, vida familiar, lazer e tempo livre. Para a seleção dos jovens que seriam acompanhados nesta terceira etapa foi realizado um grupo de discussão para o qual foram convidados 8 dos 20 entrevistados na primeira etapa sendo que cinco compareceram.

Tanto para as entrevistas quanto para o grupo de discussão e os acompanhamentos foram utilizados *dispositivos* imagéticos de apoio às narrativas orais dos jovens. Neste artigo nos deteremos nas etapas qualitativas da pesquisa e, em especial, nos conteúdos

1 Para fins de confidencialidade, o nome da jovem foi alterado preservando sua identidade.

2 Modalidade de ensino regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96. Esta modalidade destina-se a jovens e adultos que não tiveram acesso à escola ou não concluíram seus estudos em nível fundamental e/ou médio na idade prevista.

3 Sobre a análise dos dados quantitativos da pesquisa ver Carrano, Marinho, Oliveira, 2015.

narrativos que emergiram do diálogo com a jovem Mariana, à época da pesquisa, com 21 anos. Todo o processo qualitativo da investigação foi registrado em vídeo tendo resultado em filme documentário de pesquisa.⁴

Objetos de memória e imagens como âncoras para as entrevistas narrativas

As entrevistas narrativas foram intencionalmente realizadas nas escolas onde cada jovem participante estudava. Buscava-se compreender, através das entrevistas, percursos biográficos juvenis dando especial atenção às dinâmicas territoriais e sua incidência sobre as trajetórias escolares. Assim como a outros aspectos que a literatura científica demonstra serem decisivos aos cursos de vida e escolarização, tais como as estratégias familiares para a conquista da longevidade escolar, a inserção no mundo do trabalho e a própria qualidade da vida escolar que pode significar fator de atração ou repulsão frente ao prosseguimento dos estudos.

Com o intuito de facilitar o diálogo em torno dessas questões, solicitou-se aos entrevistados, no momento do agendamento, que trouxessem para a entrevista algum objeto que ajudasse a contar sua história, algo que fosse expressivo daquilo que se considerava importante ser dito sobre si, como um *objeto de memória*.⁵ Ao início da entrevista eram convidados a colocar o objeto trazido sobre o pequeno banco junto à sua cadeira, indicando-se que o apresentasse ao entrevistador quando lhe parecesse mais oportuno.

Para a fase da pesquisa que acompanhou três jovens em seus cotidianos, como suporte para o aprofundamento do que já havia sido contado, elaborou-se o que foi chamado de *desafio fotográfico* em torno de duas questões: a) sua vida poderia ser fotografada? b) O que você fotografaria? Cada um dos três jovens participantes desta etapa da pesquisa recebeu, sob empréstimo, uma máquina fotográfica digital. Sugeriu-se, com estas questões, um exercício projetivo de fotografias em que poderiam registrar e descrever espaços-tempo de seus cotidianos, bem como imagens abstratas que poderiam representar experiências, acontecimentos, sentimentos, projeções, expectativas de futuro.

Em tempos de imagens digitais, é possível registrar um sem-número de fotografias, contudo, o principal da tarefa de reflexão recai sobre as melhores escolhas daquilo que se pretende mostrar para a representação de si. Neste sentido, os jovens poderiam registrar quantas fotos quisessem, mas deveriam escolher e dar título a entre 15 e 18 fotos para serem apresentadas à equipe de pesquisa em novo encontro marcado com duas a quatro semanas de intervalo após este primeiro encontro.

O senso comum diz que “uma imagem vale mais que mil palavras”, porém, muito daquilo que se vê em uma imagem expressa, além das intenções e os acasos significativos de seu produtor, também as experiências, sentimentos, conhecimentos e pré-noções de quem olha. Neste sentido, o retorno das fotografias para uma nova conversa sobre elas era fundamental para se compreender o que haviam fotografado e por que os jovens haviam feito e escolhido os registros fotográficos apresentados. Neste processo de retorno, muitos temas já abordados nas entrevistas foram retomados com novos

4 O filme documentário de longa-metragem (90 min.) intitulado *Fora de Série* pode ser assistido na internet com legendas em: <https://youtu.be/RrrkEwoVVs>

5 O convite para que os estudantes levassem à entrevista um objeto de memória fez parte da estratégia metodológica de propor dispositivos para animar o diálogo de pesquisa. Bruno Latour (2013) considera o objeto como ator e mediador de toda a ação social. O objeto neste sentido adquire o estatuto de ator social legítimo, um “atuante” (*actant*).

conteúdos e interpretações alternativas dos jovens sobre suas próprias experiências e percursos de vida.

O processo de entrevista numa perspectiva dialógica busca produzir *espaço biográfico* (Arfuch, 2010) para a emergência do discurso do outro. A mediação do dispositivo imagético faz com que o narrador se constitua como um co-produtor reflexivo diante da “provação” daquele que quer vir a conhecer percursos biográficos e a ordem das interações cotidianas.

Este artigo assume a tomada de um único indivíduo como eixo central da análise. Tenta-se compreender, a partir dos elementos narrativos proporcionados pelos dispositivos de escuta adotados, a maneira como a protagonista desta análise enfrentou as provas ao longo de seu percurso de vida e trajetória de escolarização. Interessou-nos conhecer quais suportes ela logrou articular em suas redes de relacionamentos familiares, escolares, comunitários, de trabalho e de amizades para superar as provas estruturais às quais foi submetida.

A escuta da sociedade numa única voz

Não é incomum nos perguntarmos qual o número mínimo de indivíduos que devemos ter em conta em nossas pesquisas para que as interpretações se apresentem como significativas. Sem dúvida, a ampliação do universo de participantes numa pesquisa pode ampliar as chances analíticas sobre experiências plurais em determinado campo da vida social. Contudo, não se pode perder de vista que uma única biografia reúne linhas de força que, descritas e interpretadas, permitem reconhecer as influências recíprocas entre a subjetividade e os elementos objetivos constitutivos da vida social.

Desde que nos afastemos da *ilusão biográfica* (Bourdieu, 1998) de conferir o estatuto de verdade inquestionável ao relato pessoal, a pesquisa que se desdobra a partir de uma vida narrada pode encontrar os nexos entre as múltiplas mediações da trama social e o individual e se constituir, então, num caso emblemático de uma dada sociedade em análise. Nesta perspectiva, em contraposição à biografia em chave introspectiva, a busca é pela realização de uma biografia extrospectiva que se desenvolve nos marcos de uma sociologia da individuação e do inventário crítico dos desafios sociais (Martuccelli, 2020).

Não se trata, entretanto, de eleger um “indivíduo especial” para a escuta biográfica, mas de afirmar, numa perspectiva sociológica, que o objetivo é o de compreender o grupo social, no sentido estrito, e a sociedade, em seu sentido mais amplo, da qual esse indivíduo é parte constitutiva. A perseguição da noção de representatividade não se impõe no contexto dessa consideração de que analisar a parte (o indivíduo), em suas múltiplas dimensões, significa estudar também o social que está presente em nossas ações. Assim se pode dizer que todo ato individual se apresenta como uma síntese horizontal da estrutura social (Ferrarotti, 1991). A análise aprofundada de um único caso pode ampliar o conhecimento dos processos sociais dos quais esta história singular é demonstrativa (Grafmeyer, 1995).

Numa sociedade individualizada, a memória assume papel de relevo no contexto da investigação social. Concordamos com Velho (1994) quando este assinala que as experiências pessoais, os amores, os desejos, os sofrimentos, as decepções, as frustrações, os traumas, os triunfos etc são os marcos que indicam o sentido da singularidade do indivíduo, constantemente enfatizada. E, ainda segundo Velho, é nesta sociedade individualizada que a memória assume a função de promover visão retrospectiva, mais ou menos organizada, de um dado percurso biográfico que confere sentidos e significados

à (re)elaboração da identidade de cada um(a). A ideia de que a memória é seletiva se explicaria, em parte, por essa dinâmica de construção da identidade que utiliza as referências do passado para sua permanente (des) e (re) construção.

Desafios sociológicos na pesquisa qualitativa

Para Mills (2009), a racionalização da sociedade industrial e de massas faz com que as pessoas não consigam estabelecer o nexos entre suas vidas pessoais e a sociedade, em especial, as redes de poder e informação que incidem sobre suas vidas. Neste sentido, faltaria às pessoas imaginação sociológica, sendo esta qualidade mental essencial para aprender a interação entre homem e sociedade, biografia e história, eu e o mundo.

Numa perspectiva crítica, a sociologia deve abdicar da pretensão de um trabalho de imputação global e reconhecer que há muita diversificação na dominação para que esta seja reduzida a uma perspectiva única. E, sem anular o reconhecimento de que há condicionamento sobre as condutas dos indivíduos, é preciso prestar mais atenção às trajetórias individuais e as possíveis ações heterogêneas dentro de uma sociedade (Martuccelli, 2007 e 2021). E, da mesma forma, numa perspectiva reflexiva, criar no encontro com os sujeitos da investigação as condições para que os mesmos, ao se narrarem, percebam que seus problemas pessoais são também problemas públicos, sendo esta uma chave para a compreensão dos mecanismos de dominação tal como alertou Mills.

Araujo (2014), ao discutir a investigação qualitativa, evoca a noção de artesanato intelectual diante dos desafios de colocar em articulação a biografia, a história e a sociedade. Para a autora, a pergunta teórica que conduz sua pesquisa ao longo do tempo é aquela que indaga como se produz o sujeito em dada sociedade. Ainda na perspectiva adotada, as fontes empíricas devem ser lidas à luz da pergunta teórica de investigação. E, mesmo no cotejamento das fontes secundárias, é preciso ter a “pergunta teórica” como orientadora da interpretação das fontes secundárias. A autora lembra do princípio da *Grounded Theory* que afirma um constante intercâmbio entre os dados e as ideias no processo investigativo. Ou seja, as ideias emergem em contato com o material, assim como das reflexões preliminares sobre os dados empíricos.

Tomamos também como nossa a referida orientação teórica e seus desdobramentos metodológicos. Assumimos o desafio de explicar processos sociais a partir de experiências individuais. E nesse movimento intelectual reconhecemos que essa é uma maneira de descrever a forma estrutural de fabricação dos indivíduos numa sociedade singularizada.

A busca por compreender a socialização em contextos de intensa diferenciação social não passa por desconhecer a função integradora da própria socialização. Trata-se de reconhecer que o indivíduo tem um papel chave na elaboração de seus próprios caminhos biográficos, em especial, se considerarmos que este vive num mundo de complexidades que exigem multiplicidade de papéis e consciência adequada para realizar a integração de cada um desses papéis aos quais é levado a assumir. A ordem social torna-se mais contingente —menos determinante— e a sociologia pode tomar mais conhecimento sobre a complexidade que fabrica os indivíduos.

Pode-se considerar que esse é um processo histórico de longa duração que se relaciona com a perda da centralidade da tradição no contexto da complexificação e diferenciação social. Giddens (2001) chama de destradicionalização o processo no qual os indivíduos nas sociedades complexas, notadamente urbanas, não mais estão submetidos às regras

da comunidade e da tradição. Constituir-se como indivíduo significa estabelecer soberania sobre si e se autonomizar frente aos outros. Para Alberto Melucci, a autonomia é o outro nome da individuação. Neste sentido, a busca da interpretação da experiência é chave na investigação na perspectiva do que tem se denominado como uma sociologia à escala dos indivíduos (Martuccelli, 2007) ou de uma sociedade individualizada (Singly, 2006).

Provas e suportes (Martuccelli, 2007) são dois analisadores centrais na busca da compreensão das experiências narradas dos sujeitos em nossas investigações. Provas são compreendidas no sentido de desafios enfrentados pelos indivíduos em seus processos de individuação ou produção de si; são socialmente produzidas e desigualmente distribuídas. E os suportes podem ser definidos como a relação entre recursos subjetivos que os indivíduos conseguem articular para que se sustentem a si mesmos e ao entorno social existente na forma de redes e apoios materiais e simbólicos. Um suporte não se define apenas como um apoio material. Ele pode ser expresso numa relação afetiva ou numa representação —um personagem literário, por exemplo— que contribua para apoiar o indivíduo na tarefa de sustentar-se no mundo.

O percurso biográfico de Mariana entre portas e janelas⁶

Mariana levou, como *objeto de memória* para a entrevista, sua aliança de casamento, o crachá do trabalho e uma foto 3x4 de seu filho. Com esses objetos que elegera para se apresentar, a jovem teceu narrativa que evidenciou seu percurso de superação de desafios. Frente à primeira pergunta da entrevista, Mariana desenvolveu uma fala de nove minutos, ininterruptos, em que encadeia narrativa de sua vida da infância até o momento da entrevista passando pela gravidez aos 15 anos de idade, violências que sofreu, a saída da escola, as passagens por diferentes trabalhos desprotegidos, o desafio de sustentar-se financeiramente, cuidar do filho e o encontro com o companheiro com quem vivia à época da pesquisa. Naquele momento, o trabalho, o companheiro e o filho representavam a inauguração de, enfim, uma perspectiva de alguma tranquilidade e segurança em sua vida. O fechamento da narrativa se deu com os objetos de memória que indicavam seu atual momento: um emprego que valorizava e no qual se sentia valorizada, um companheiro que “cuida do meu filho, cuida de mim, cuida de tudo” e o filho que cresce saudável e feliz.

A narrativa ininterrupta encadeando sequência de acontecimentos marcantes evidencia o seu desejo em falar da vida e o reconhecimento de que a participação na pesquisa era oportunidade para contar a sua história.

Mariana é uma jovem que declarou ser branca, tinha 21 anos no momento da primeira entrevista e morava com o então companheiro e o filho de cinco anos em uma casa alugada numa comunidade de favela no centro da cidade do Rio de Janeiro. Trabalhava durante o dia num emprego formal com carteira assinada e estudava à noite no penúltimo módulo da EJA (ensino médio, última etapa da educação básica no Brasil). O companheiro ficava com o filho para que pudesse estudar.

Tanto o pai quanto a mãe de Mariana são migrantes da região nordeste do Brasil e se conheceram quando já moravam no Rio de Janeiro. Ela não gosta de seu segundo nome, motivo de piadas na escola desde o ensino fundamental. Os óculos que usava,

⁶ Oliveira (2020) analisou em sua tese de doutorado a personagem Mariana com especial destaque à dimensão de *projeto de vida*.

de lentes desiguais por ter visão muito reduzida em um olho e quase normal no outro —o que fazia com que uma lente fosse muito grossa que a outra— também lhe rendiam comentários desagradáveis na escola. Quebrou os óculos quando ainda criança para que a mãe não pudesse obrigá-la a usá-los se tornando alvo de bullying na escola.

Seu pai concluiu o ensino médio e desempenhava função técnica em uma oficina de equipamentos eletrônicos. Sua mãe concluiu apenas a primeira etapa do ensino fundamental (cursou quatro anos da educação primária).

Aos 14 anos foi expulsa de casa pelo pai quando este descobriu que ela estava namorando. Foi obrigada a morar com uma tia, em Jacarepaguá, bairro distante do centro da cidade, em casa de madeira de precárias condições estruturais. “Lá era horrível! Não estou julgando minha tia, ela me deu um lugar pra morar, mas eu queria ficar na minha mãe!”. Para ajudar com as despesas na casa da tia começou a trabalhar à noite/madrugada num trailer que vendia cachorro quente. Ela parou de estudar porque aos 14 anos não podia frequentar a escola à noite, mas, mesmo não tendo idade para trabalhar à noite, conseguiu o trabalho⁷ e não foi alcançada por qualquer política de proteção à adolescência e à inibição ao trabalho noturno que impedia a continuidade dos estudos. Naquela época, ainda adolescente, estava matriculada no turno matutino e o trabalho madrugada adentro deixava-a excessivamente cansada para suportar a jornada de estudos.

Decidiu parar de estudar quando estava com a conta de aluguel atrasada e “muito cansada por fazer hora extra. Decidi aumentar minha carga horária de trabalho e deixar de estudar. A escola ia me ajudar, mas no futuro; naquele momento eu precisava do trabalho”.

Mariana começa, neste ponto, um processo de gradual independência e autonomia. “Juntei dinheiro e aluguei um quartinho para mim; fui morar sozinha”, nas proximidades da casa da tia. Viu a tia conquistar melhores condições de vida e se inspirou nela para projetar conquistas também para si: “ela conseguiu, eu também conseguirei”, afirmou. Foi enquanto morava naquele quartinho alugado que conheceu o pai de seu filho. Ela contou, na primeira entrevista, que naquela época “só queria saber de bagunça”, saía para festas e baladas todos os fins de semana, não pensava no futuro. E teria sido por “irresponsabilidade de adolescente” que engravidou de seu filho. Contudo, na terceira entrevista, narrando sua vida a partir das fotografias que havia feito como dispositivo reflexivo da pesquisa, contou sobre as violências que sofreu por parte de seu pai. Além da expulsão de casa aos 14 anos, uma tentativa de retorno ao lar familiar resultou em surras dadas pelo seu pai. Desprotegida da mãe, desejando autonomia pessoal e independência financeira, concluiu que “a única forma de sair de casa era engravidando”. A gravidez se materializou como estratégia de autonomia e não como resultado de descuido ou irresponsabilidade adolescente.

Mas também seu namorado se mostrou possessivo e violento. Apanhou dele durante a gravidez e chegou a pensar em realizar um aborto. A gravidez como saída para a supressão da violência não se concretizava. Foi seu pai quem expulsou o namorado violento daquele quartinho que ela alugava. Isso aconteceu depois de Mariana ter o braço quebrado e ter sido deixada desmaiada, grávida de oito meses, na rua em frente à sua casa.

⁷ A legislação brasileira estabelece a idade mínima de 15 anos para cursar a modalidade EJA na etapa do ensino fundamental —onde Mariana se encontrava— e mínimo de 18 anos para cursar o ensino médio nesta mesma modalidade. Da mesma forma, a legislação estabelece a idade de 16 anos para o início de atividades laborais que, contudo, devem ser especialmente protegidas, em horário compatível com a frequência à escola, os estudos extra-escolares e o descanso necessário.

O filho de Mariana nasceu quando ela tinha 16 anos, morava sozinha e trabalhava para sustentá-lo. A mãe a ajudava clandestinamente, sem que o pai soubesse desse suporte à filha recém-emancipada. O pai de seu filho nunca a procurou para saber dele, mas ela considera que nem ela nem seu filho precisavam dele para coisa alguma. Está presente para Mariana o desafio de trabalhar, estudar e ser mãe, concomitantemente. A ausência de suportes familiares e de políticas públicas de cuidados com o filho dificultavam sobremaneira as possibilidades de retomar os estudos. Teve dificuldades de encontrar vagas em creches públicas e o dinheiro de seu trabalho não era suficiente para pagar por uma creche particular. Foi assim que acabou entregando o filho aos cuidados de uma pessoa que se revelou pouco cuidadora e só pôde confiar no cuidado recebido pelo filho depois que conheceu o novo companheiro. Trabalhou de faxineira e de garçonete até receber oferta de emprego em uma empresa de comunicação naval, momento de inflexão em sua vida. Aceitou a proposta enfrentando seu próprio medo, referido à pouca escolarização que a fazia se sentir despreparada para a tarefa. “Eu falava muito errado, era feio, eu não gostava, eu perdia muito emprego pois não tinha ensino, ninguém dava oportunidade. Tudo o que eu queria era uma oportunidade”.

O trabalho a estimulava a estudar, a falar corretamente, a aprender e buscar conhecer coisas que nunca havia imaginado existir. A partir deste posto de trabalho formulou novos planos: concluir a educação básica (ainda cursava o ensino fundamental) e chegar à universidade. Mariana revelou que seus empregadores na empresa naval a estimularam a prosseguir nos estudos. Voltou a estudar, não só porque o trabalho a incentivava, mas também porque podia deixar o filho aos cuidados do novo companheiro, em quem confiava. “Voltei a estudar, era tudo o que eu queria”.

Fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que dá acesso ao ensino superior brasileiro. Afirmou que a escola não havia dado condições suficientes para tal e ela por meios próprios igualmente não tinha tido condições de se preparar suficientemente. Mariana também contou que não se sentia apoiada e incentivada pelos pais a estudar. “Eu tinha que me virar”, os pais não a ajudavam com tarefas ou dúvidas escolares nem estimulavam que se saísse bem na vida escolar. Frente a dúvidas não tinha a quem perguntar em casa, às vezes perguntava ao professor, mas “às vezes ficava com vergonha” e nem ia à aula.

A prova do ENEM daquele ano foi especialmente desafiadora para Mariana, visto que o tema da redação que deveria ser desenvolvida baseava-se em texto de Simone de Beauvoir abordando o tema da violência contra a mulher. A equipe de pesquisa encontrou Mariana na saída desta prova e conversou com ela sobre a mesma. Afirmou não ter percebido que o tema da redação se referia à violência de gênero. Em negação ou bloqueio, fugiu ao tema em sua escrita e por isso teve sua redação zerada, o que implica exclusão da prova. Em novo encontro de entrevista alguns dias depois Mariana disse ter se dado conta do tema da dissertação na noite após a prova. Conta ter percebido que não conseguiria escrever sobre aquele tema e ainda responder a todas as demais questões da prova, pois choraria muito escrevendo sobre violência contra a mulher; experiência dolorosa que ela mesma viveu. Mas diz que gostaria de escrever aquela redação para deixar guardada para que seu filho, quando mais velho, pudesse saber o que havia acontecido com sua mãe e compreendesse as razões do relacionamento dela com seu pai não ter dado certo.

Ao longo do tempo de sua participação na pesquisa Mariana demonstrou ter sempre planos alternativos para si. Comprou, com financiamento público, um apartamento em prédio ainda em construção fora de área de favela, desejava que o filho pudesse ter um quarto próprio, coisa que ela não teve. Pretendia fazer curso de comissária de bordo e buscava crescer profissionalmente na empresa aproveitando as oportunidades oferecidas.

Com a máquina fotográfica disponibilizada pela equipe de pesquisa, fotografou várias portas das casas onde morou e a empresa onde trabalhava, também a porta do curso de inglês que frequentava com custos pagos pela empresa que a empregava. Falou da emoção de quando esteve pela primeira vez diante da porta de seu atual trabalho que muito representa no sentido de superação dos tantos desafios já enfrentados em sua vida.

Sua nova família é sua conquista de estabilidade e harmonia. A foto em que aparecem ela, o filho e o companheiro, sorridentes, é a que encerra a apresentação das fotografias que, segundo disse, “registram a vida vivida”. Ao descrever o novo companheiro, enumera características que considera expressivas desse seu bom momento familiar. A primeira é que ele gosta muito de seu filho e a segunda revela a felicidade que é estar, pela primeira vez, ao lado de um homem não violento: “ele não me bate, não bebe”.

O caminho da individuação: a *prova estrutural* do patriarcado e a luta pela autonomia

Mariana relatou muitos eventos de violência sofridos. As violências físicas sempre perpetradas por homens: o pai, o namorado. Sentiu-se abandonada e não protegida por sua mãe, que não evitou a expulsão de casa, não impediu as surras dadas pelo pai na filha, não enfrentou o marido de modo a ajudar explicitamente nos cuidados com o neto quando Mariana se mudou para próximo da mãe, sozinha com o filho recém-nascido.

Quando Mariana contou sobre um dos espancamentos que sofreu, iniciou a narrativa com “nesse dia foi engraçado”, como que naturalizando a violência do ambiente doméstico. Sua irmã mais nova, ao ver que Mariana havia sido golpeada com um cinto pelo pai tantas vezes que lhe tirara o sangue, desmaiou. “Ela olhou assim: ‘que isso? Isso é sangue? Ai meu Deus!’ Aí desmaiou. Aí ficou lá”, e ri ao contar. Neste dia ela fugiu de casa, de madrugada, e voltou a morar sozinha.

A postura de subalternidade e subserviência da mãe diante das agressões cometidas pelo marido também são constantes nos relatos de Mariana, mostrando tratar-se de um padrão de violência acolhido e legitimado naquele contexto familiar. No discurso de Mariana, a figura da mãe aparece tão somente ligada a certo “papel feminino” responsável pela mediação dos conflitos, a fim de manter a unidade familiar a todo o custo. Apenas nesse ponto do depoimento, a frieza da jovem ao descrever a violência sofrida dá lugar à emoção do sentimento de mágoa nutrido pela mãe por, segundo afirma, nunca ter enfrentado o marido e intercedido em seu favor. Em meio a essas circunstâncias hostis, seu projeto de conquistar autonomia foi cada vez mais alimentado, motivando-a a fazer escolhas que, paradoxalmente, representaram novos obstáculos à sua autonomia.

Depois da fuga e de voltar a morar sozinha, Mariana temia que a família interferisse novamente nessa escolha e decidiu que engravidar seria seu único caminho de fuga definitiva da casa dos pais. Ela compreendia que seu pai não admitiria seu regresso na condição de adolescente grávida. Mariana acreditou que formando a própria família tomaria as rédeas de sua vida em suas mãos de uma vez por todas. Não podemos ignorar que a escolha de Mariana por tal destino era, em grande medida, informada por um padrão típico, ligado aos quadros de referências mais próximos à disposição dela naquele momento. Não coincidentemente, a própria mãe e, posteriormente uma das irmãs, tornaram-se mães também aos 15 anos de idade.

Outros estudos já apontaram o quanto, para muitas jovens de camadas populares, a gravidez é concebida como um meio de buscar o menor controle parental, sendo este

um “destino” desejável (Heilborn, *et al.*, 2002; Gonçalves e Knaut, 2006). Em face das poucas chances históricas e socioculturais, a gravidez, assim como a constituição precoce da própria família, passa a integrar um conjunto de valores ligados ao ingresso feminino no mundo adulto, pretensamente de maior liberdade, de ruptura com a adolescência, dependente e controlada socialmente. Orientada por tais valores e diante de um estreito horizonte de oportunidades, Mariana projeta na gravidez e na constituição de uma família seu anseio por conquistar autonomia. Se a autonomização por meio do trabalho não foi reconhecida pelo pai, a maternidade e a nupcialidade se apresentariam como um segundo plano para completar e garantir a passagem para a vida adulta. Neste sentido, vemos o quanto a amarra patriarcal está por trás desta escolha “convencional” a fim de conquistar a desejada liberdade. Estamos diante de um processo de transição custoso, com profundas implicações sobre seu destino.

Contudo, constituir o próprio núcleo familiar acabou por mantê-la longe da planejada autonomia, dada a manutenção, também naquele contexto, das estruturas de dominação patriarcal. Grávida, Mariana passou a vivenciar cotidianamente agressões físicas, ameaças e limitações à sua mobilidade por parte do pai de seu filho, como já descrito anteriormente. As violências físicas e emocionais sofridas por Mariana podem mesmo ser consideradas como uma “dor social” (Kaplan, 2017) que se faz subjetividade, ao mesmo tempo individual e coletiva, que revela a retenção do machismo e do patriarcalismo como marca estrutural manifesta em múltiplas violências de gênero e, no limite, no feminicídio.

Mariana atribui o comportamento agressivo do companheiro ao uso de drogas. Contudo, observamos que esse contexto de maus tratos encontra-se arraigado em uma estrutura de reprodução da violência contra a mulher muito mais ampla, presente na sociedade e especialmente em meios populares. Pesquisa realizada por Carvalho e Oliveira (2017) sobre condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher em capitais do nordeste brasileiro, apontou alguns fatores relativos à transmissão intergeracional da violência doméstica (TIVD). Em linhas gerais, o mecanismo de TIVD postula que a violência doméstica será maior em lares onde a mulher, seu parceiro ou ambos viveram em um lar com violência doméstica. A probabilidade de uma mulher sofrer violência, dado que ela presenciou violência quando criança/adolescente em sua família de origem, mostra-se maior do que quando ela não presenciou a violência. A evidência é análoga para o parceiro. Os autores chegaram à conclusão que tal mecanismo estaria exercendo um papel importante na manutenção das altas taxas de violência doméstica naquela região. No caso de Mariana, a violência tinha mais um agravamento: ocorria concomitante à gestação. Este fenômeno também foi alvo da referida pesquisa que apontou potenciais fatores socioeconômicos como condicionantes.

A violência durante a gravidez aumenta conforme decrescem as faixas etárias, afetando mais mulheres entre 15 e 24 anos de idade; e diminui conforme o grau de instrução, sendo mais provável que ocorra com mulheres de baixo nível educacional. Tais indicadores se mostraram também análogos para os agressores. Vemos, então, o quanto determinadas circunstâncias de vida de Mariana refletem não apenas escolhas em situações singulares, mas são atravessadas por probabilidades que escapam ao conhecimento da mesma. A naturalização da violência presente no âmbito familiar de origem, o *corte* etário, a baixa escolaridade, entre outros fatores, estão no contexto de ação e de consentimento daquela relação. Buscando justificar porque mantinha o relacionamento com o companheiro mesmo após tantos atos de violência, a jovem reconheceu sua dependência emocional do agressor, embora não compreendesse as razões de suportar tal situação. Como dito anteriormente, ela nunca denunciou seus agressores.

“Futuro”: mobilidade social como “projeto de vida”

As expectativas de Mariana configuram um projeto de vida orientado para a mobilidade social. É perceptível em sua narrativa a forma como ela busca superar as contingências de seu lugar de classe e gênero e reagir de maneira proativa, articulando suportes, para superar as inúmeras ameaças e incertezas que se apresentam em seu curso de vida. Seus horizontes temporais se alargam em direção ao futuro e não se restringem à simples gestão do tempo e adversidades cotidianas.

No movimento de ampliação de capitais sociais, escolares e culturais há o retorno à escolarização com o objetivo de concluir o Ensino Médio, a realização de curso de inglês e a realização do exame necessário para o seu ingresso na universidade.

Perguntada sobre o que é viver, Mariana reafirmou sua orientação para o futuro: “É você não desistir dos seus sonhos, procurar sempre querer mais e mais. (...) Esquecer um pouco os problemas e focar mais em crescer e querer ser alguma coisa. E sonhar sempre e fazer por onde você conquistar”.

Em outra fala foi possível observar o quanto suas projeções são o motor gerador da mobilização escolar demonstrada na ocasião. São elas que dão sentido à escolarização, garantindo determinado engajamento em relação à vida escolar. Ela se dizia focada, prestando muita atenção nas aulas e na realização das tarefas escolares, estudando para se sair bem nas provas para concluir o ensino médio movida pelo desejo de fazer faculdade, mudar-se do lugar que mora para um lugar melhor. “Eu tô pensando alto, tô pensando em crescer”.

Cursando os módulos finais do Ensino Médio na EJA, a jovem já olhava para frente, planejando seus próximos passos na vida. Durante os dois anos em que transcorreram as entrevistas, Mariana foi concretizando alguns planos, reelaborando outros e construindo novos. A cada encontro, trazia novidades sobre seus projetos, como se tivesse diante de si um horizonte aberto de possibilidades que administrava conforme seus interesses à mão. Ao concluir o nível médio, iniciou curso de inglês; mudou-se com o filho e o novo companheiro para uma casa maior, alugada, fora da comunidade de origem; financiou um apartamento na planta e planejava o momento mais oportuno para iniciar a faculdade de Administração de Empresas. Revelou também outros desejos, como o de aprender a dirigir e o de viajar para conhecer novos lugares no mundo. Mariana disse ter encontrado motivação para perseguir esses projetos em seu atual trabalho, onde se deparou com novos quadros de referência a partir dos quais passou a vislumbrar outras possibilidades.

Mariana creditou às novas referências, no trabalho, o fato de ter começado a “pensar mais lá na frente”. O trabalho é tanto referência simbólica e subjetiva para projetar o futuro quanto possibilidade material de realização desses projetos. Se trabalhando na informalidade e com baixa remuneração só conseguia administrar a sobrevivência, ao estar empregada, com a proteção do trabalho formal, conseguia ter algum fôlego financeiro que permitia não apenas sonhar mas também realizar investimentos em sua formação.

Suas atividades profissionais na empresa também são acionadas como ferramentas para organização do próprio tempo e planejamento da vida pessoal. As habilidades de planejamento que disse ter aprendido em sua função como auxiliar administrativo serviram de ferramenta para orientar a conduta em relação ao próprio tempo.

Como os projetos são dinâmicos, já que alimentados por um estoque de conhecimentos (Schutz, 1979) que se alarga constantemente, Mariana revelou, nos últimos encontros

de pesquisa, plano de fazer curso de comissária de bordo. Nutria forte desejo de “passar a vida viajando”. Na última entrevista, já havia se matriculado no referido curso, fazia os inúmeros exames pedidos e, com entusiasmo, aguardava o início das aulas. Apesar de admitir que essa nova etapa planejada exigiria ainda mais esforço e capacidade de administrar as funções de mãe e trabalhadora, seguia “confiante” e “empolgada”. Este passou a ser seu “plano A”, dado o enorme interesse que aflorava da possibilidade de realizar o “sonho de infância” de conhecer o mundo, que acreditava ser possível através daquela nova profissão. Se não conseguisse, voltaria ao “plano B”, que era fazer faculdade de Administração para subir de nível salarial e permanecer na mesma empresa. Tudo seria feito de modo discreto, a fim de assegurar seu trabalho atual enquanto a nova situação se definia. A partir da ampliação dos estudos, vai sonhando com outras vidas possíveis, tendo como fim transformar suas condições de existência e “ter uma vida feliz”. Tantas aspirações são ainda favorecidas pela concepção de que ainda tem muito tempo pela frente, dada a pouca idade: “eu ainda tô nova, tenho 22 anos, então tenho tempo pra muita coisa”. Por trás de todos esses planos de Mariana está seu projeto mais abrangente: alcançar mobilidade social, intenção expressa nas muitas vezes em que frases como “eu quero crescer”, “quero ser mais”, “tem que pensar alto” permearam seus discursos. O forte interesse em ascender sua posição social, estimulado pelas novas referências, guia as diversas projeções de Mariana, tanto as ligadas à escolarização, quanto àquelas relacionadas com moradia, comportamento, estética e lazer.

Os referidos projetos podem ser pensados também como uma espécie de “rota de fuga” de sua posição social. Quando se trata de seu lugar de origem, mais especificamente, da vida em comunidade de favela, sentimentos ambíguos entram em cena. É quando os discursos e os fatos narrados, às vezes, se tornam dissonantes. Ela afirmou que o “lugar é maravilhoso” mas não quer ficar em um lugar que tem “corre-corre de tiro ou algo assim” referindo-se aos conflitos armados entre facções do tráfico de drogas e forças policiais na cidade do Rio de Janeiro.

Mariana revela perspectivas distintas em relação à sua comunidade de favela. Por um lado, ela aparece como lugar da carência, da violência, da vitimização, da insegurança, da falta de perspectivas de futuro, concepções negativas que possivelmente circulam entre contatos sociais que passou a ter. A comunidade é apresentada como lugar do “outro”, sendo ela própria esse “outro” no tempo do “antigamente”, embora tivesse deixado sua comunidade há apenas alguns meses antes dessas falas. Por outro lado, a comunidade aparece também como lugar de solidariedade, fraternidade e afetos. É como se Mariana se encontrasse numa fronteira abissal, entre negar e acolher aquilo que, em grande parte, ainda a constitui. Seja como for, a jovem agora quer olhar para frente, para o horizonte, lugar da novidade, da transformação, da possibilidade de mobilidade social. Abrir janelas, enfim.

Mariana, no grupo de discussão ocorrido entre a etapa de entrevistas individuais e o acompanhamento ao cotidiano de três jovens participantes da pesquisa, critica a escola por não incorporar os conhecimentos e experiências dos estudantes nas estratégias de aprendizagem. Outros jovens do grupo tiveram posicionamentos semelhantes, mas foi Mariana quem sistematizou a experiência daquela discussão em grupo como uma experiência que gostaria de ter na escola. Gostaria que os professores também se colocassem diante de seus alunos e perguntassem, com interesse às respostas, o que cada um daquela turma sabia fazer, quais eram seus interesses e habilidades. “Depois que eu comecei a trabalhar de administração, eu aprendi muito a diminuir custos. Então eu aprendi muito a economizar tempo, a economizar dinheiro, a economizar tudo (...) Eu aprendi bastante e acho que eu podia passar também muito [na escola]”.

Tornar a escola mais atraente ao estudante trabalhador e o trabalho mais flexível ao trabalhador estudante talvez seja um dos caminhos possíveis na busca por superar a

citada ambivalência presente nos depoimentos. Trabalho e escola não são projetos que se excluem, mas, assim como já foi observado por Sposito (2007), são projetos que se superpõem e, como vimos, ambos desempenham papel decisivo na construção das expectativas de futuro. Numa relação de complementaridade, escola e trabalho se combinam para produzir horizontes e tornar viáveis projetos de vida.

Ainda tecendo críticas à escola, Mariana revelou que não encontrou o estímulo e informações necessários para ingressar na universidade. Não se sentiu informada, pela escola, sobre a realização, por exemplo, do ENEM. Pesquisou sozinha, na internet, sobre a prova, buscou materiais complementares de estudo, mas sabia pouco sobre a dinâmica da prova, do processo avaliativo e da divulgação dos resultados. Compreendia, contudo, que fazer universidade pública e gratuita era um direito seu, um direito que ela deveria buscar conquistar.

Está implícita a permanência, no espaço escolar, de uma mentalidade que considera que estudantes da EJA, por serem trabalhadores, terem mais idade, ou por outras justificativas infundadas, não teriam interesse na *aprendizagem*, mas apenas em conseguir um *diploma*. Entretanto, a maioria das narrativas aponta que, para além da posse do diploma, que também tem sua importância reconhecida, esses jovens têm interesse em ampliar seus estoques de conhecimento, sendo esse um fator importante a guiá-los no retorno à escola. De acordo com a fala de Mariana, por exemplo, o que falta no retorno à escola é uma escuta sensível para que se compreenda a real demanda dos estudantes.

Vimos, nos temas abordados anteriormente, que existem diversas situações na vida que impõem barreiras na organização de projetos de formação que ultrapassam o papel da escola. Entretanto, não podemos ignorar também os fatores indicados nos depoimentos que apontam a desorientação a respeito das profissões e formas de ingresso numa universidade, o aligeiramento e redução de conteúdos e a não disponibilização de outros espaços de conhecimento como barreiras que as escolas poderiam/deveriam minimizar. Neste sentido, a instituição escolar deixa de fornecer suportes para que sonhos possam ser transformados em projetos, e projetos encontrem condições de realização.

“Sonhar”, “conquistar”, “focar”, “querer” e “crescer”, verbos com os quais Mariana define o que é viver, direcionam-se para um tempo fora do “agora”, situado, portanto, numa dimensão que imagina o futuro. Aliás, essas são as palavras mais recorrentes em todos os depoimentos que essa jovem estudante da EJA nos concedeu, como se nessa dimensão encontrasse a chave de seu sentido biográfico. Em comum, todos esses verbos que atravessam não apenas os discursos de Mariana, mas também as narrativas de fatos vivenciados, nomeiam ações direcionadas a objetivos, o que nos faz acreditar que estamos diante de uma temporalidade longa, progressiva, já que projetada para o tempo do “depois”.

Simmel (1996), em instigante analogia sociológica, evoca as imagens de pontes, portas e janelas, e nos lembra que a imagem exterior nos confronta com a ambiguidade das coisas, que tanto podem se interrelacionar por associação-dissociação quanto passar por ser separadas ou ligadas. O homem (ser genérico) é um ser-fronteira, que não tem fronteira. Se a ponte nos liga ao outro e a janela possibilita enxergar para além do espaço interior, é a porta que simboliza, em seu abrir e fechar, a quebra de limites para que se possa ganhar a liberdade.

O conjunto de portas e janelas fotografadas por Mariana e suas narrativas sobre esses registros fotográficos evocam, na síntese de palavras e imagens, necessidades não realizadas —como estar em segurança em seu próprio lar—, oportunidades interrompidas —como concluir a escolaridade sem tantas interrupções e ter, pela escolaridade, melhores possibilidades de emprego e renda— com a emergência, mais recente em

sua vida, de novas e melhores oportunidades em relação às quais ela teve papel ativo. Frente a *portas fechadas* que representam bloqueios em seu percurso, Mariana inventa suas próprias portas e janelas que protegem e se abrem para novas possibilidades e melhores alternativas de vida.

Referências bibliográficas

- » Araujo, K. (2014). Artesanía e incertidumbre: el análisis de los datos cualitativos y el oficio de investigar. Em Canales Cerón, M. (coord.). *Escucha de la escucha: Análisis e interpretación en la investigación cualitativa*. Santiago, LOM.
- » Arfuch, L. (2010). *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Vidal, P. (trad.). Rio de Janeiro, EdUERJ.
- » Bourdieu, P. (1998). A ilusão biográfica. Em Ferreira, M. M. e Amado, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV.
- » Carvalho, J. R. e Oliveira, V. H. (2017). Pesquisa de condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher: prevalência da violência doméstica e impacto nas novas gerações. Universidade Federal do Ceará.
- » Carrano, P.; Marinho, A. e Oliveira, V. (2015). Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, vol. 41: 1439-1454.
- » Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. Em *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 9: 171-177.
- » Guiddens, A. (2001). A vida em uma sociedade pós-tradicional. Em *Em defesa da sociologia. Ensaios, interpretações e réplicas*. San Pablo, Editora UNESP.
- » Gonçalves, H. e Knaut, D. R. (2006). Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*, 49(2): 625-643.
- » Grafmeyer, I. (1995). *A sociologia urbana*. Mem Martins-Portugal, Publicações Europa-América.
- » Heilborn, M. L.; Salem, T.; Rohden, F.; Brandão, E.; Knauth, D.; Victora, C.; Aquino, E.; McCallum, C. y Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*. vol. 8, nº 17: 13-45. Porto Alegre.
- » Kaplan, C. V. (2017) La violencia como dolor social. Em *La vida en las escuelas: Esperanzas y desencantos de la convivencia escolar*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones. Edição do Kindle.
- » Latour, B. (2015). Uma sociologia sem objeto? Observações sobre a interobjetividade. *Revista-Valise*, vol. 5, nº 10, ano 5, dezembro. Porto Alegre.
- » Martuccelli, D. (2007). *Cambio de rumbo - La sociedad a escala del individuo*. Santiago, LOM.
- » _____. (2020). La individuación, los desafíos sociales y la biografía extrospectiva. Em *Revista Contenido. Cultura y Ciencias Sociales - "Enfoque biográfico y curso de vida: caminos paralelos para un destino común"*, nº 10: 81-112.
- » _____. (2021). *El nuevo gobierno de los individuos: Controles, creencias y jerarquías*. Santiago, LOM. Edição do Kindle.
- » Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- » Oliveira, V. N. M. de. (2020). *Pra agora e pro futuro: desafios da escolarização e projetos de jovens do ensino médio com percursos acadêmicos acidentados*. Tese (Doutorado). Niterói, Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense.

- » Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- » Simmel, G. (1996). A ponte e a porta. *Revista de Ciências Sociais - Política e Trabalho*, 12: 11-15. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6379>
- » Singly, F. (2006). *Uns com os outros. Quando o individualismo cria laços*. Lisboa, Instituto Piaget.
- » Sposito, M. P. (2007). Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. Em Paixão, L. P. e Zago, N. *Sociologia da educação; pesquisa e realidade brasileira*, pp. 60-75. Petrópolis, Vozes.
- » Velho, G. (1994) Identidade, memória e projeto. Em Velho, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar.

Ana Karina Brenner

Doutora em Educação. Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: anakbrenner10@gmail.com

Paulo Carrano

Doutor em Educação. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Coordenador do Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense. E-mail: pc_carrano@id.uff.br

Viviane Netto Medeiros

Doutora e Mestre em Educação, Universidade Federal Fluminense. Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora de História da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: vivinettoliver@hotmail.com

Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

